

♪

♪ [vinheta] ♪

[IGNACIO] A literatura  
é emoção e sensação.

[MARÇAL] Eu digo que a  
minha matriz é a rua.

[ADELIA] Ter um estilo é limite.

[BARTOLOMEU] Eu acho que é  
impossível viver sem ler.

[MUTARELLI] Tem muito de  
mim em tudo que eu falo.

[MARCELINO] Dói, eu escrevo.

[TEZZA] O ato de  
escrever vai te

dizendo também, um  
pouco, quem você é.

[MUTARELLI] "Ele entra. Ele  
traz uma perna, uma prótese.

'É japonesa', ele disse. Vou  
comprar. Vai ser a perna do meu

pai. Eu já tenho olho. Agora  
que paguei, tenho a perna.

Sei que com o tempo vou  
montá-lo. Vou montar o meu

pai. Meu pai Frankenstein.  
O pai que se foi, se foi

antes que eu o tivesse. Foi  
antes de eu nascer, nem me

viu, nunca voltou. Foi. Ele  
só saiu com minha mãe uma

vez, eu nem sei o seu nome. Nem  
sei se um nome ele tem. Ele nem

sabe como eu sou, ele nunca  
me viu. Eu só o imaginei,

a vida inteira. Eu mesmo  
lhe dei um nome, eu mesmo

o batizei, eu mesmo cuidei  
de criá-lo, de cada detalhe

eu cuidei. Meu pai, fui eu que  
inventei. Ele nunca soube o

que eu sinto, não soube o  
quanto o amei. Ele não sabe que

rezo todas as noites, ele  
não sabe. Ele não sabe como

é minha cara, nem sabe  
como ela foi. Não sabe que

eu fui criança, não sabe que  
a cicatriz do joelho foi

da vez que eu caí. Ele não  
sabe que existo, e que

tenho a cara do Bombril. Ele  
meteu rapidinho em minha

mãe e se foi. Eu fiquei. Ele  
é mais triste que eu, talvez

ele não tenha ninguém. Eu tenho  
ele. Meu pai Frankenstein."

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] Não se vive  
disso decentemente. De arte

não se vive decentemente.  
É um ofício, eu encaro

como um ofício, eu preciso  
de disciplina, eu tento,

eu levanto cedo todo dia  
e tento... quando eu

estou só escrevendo eu tento  
todo dia, durante algum

tempo, escrever, mesmo  
que no dia seguinte eu

jogue fora. Então é algo  
que eu acho que esse

exercício é importante,  
também acho importante o dia

que não está indo você  
aceitar isso e fazer outra

coisa, porque de alguma

forma eu acho que as

palavras também estão se  
processando, acho que também

isso é parte do processo.  
Mas é um ofício, é um

trabalho, é um trabalho,  
é a minha profissão

atualmente. Eu acho que o  
trabalho de desenhar é muito

mais ligado ao ofício, porque  
aí eu tenho muito mais

ferramentas e tenho um  
tempo que eu dedico mais.

[MUTARELLI] Um desenho você faz  
um esboço, mesmo que você não

faça o esboço você sabe, eu,  
pelo menos, por trabalhar muito

tempo com isso, eu sei onde  
eu vou chegar ou o quê que

eu tenho que fazer. É muito  
menos intuitivo, né, para mim.

A palavra é muito mais, é  
começar e tentar entrar em uma

frequência e deixar isso  
fluindo, assim. O que te motiva,

às vezes são ideias tão  
pequenas para mim, às vezes eu

parto de coisas tão pequenas, de  
uma pequena fagulha. Uma coisa

que eu chamava de "ir além", é  
pegar um pequeno, um pequeno

argumento, um pequeno incidente  
e ir além, né. Mas eu sinto

quando ela tem potencial de  
seguir. Mas uma ideia que eu

sinta interessante, você pega  
ela e ela vai, essa fagulha

vai incendiando, assim, isso é  
muito fascinante. Então acho que

a maioria das minhas histórias  
partem de algum pequeno

incidente ou de alguma pequena  
ideia, e aí eu sento e vou

vendo que caminho eu posso  
seguir. Nesse ofício da palavra,

o silêncio também é importante.  
O dia que às vezes não vai, ou o

momento que você fica, essas  
coisas se processam e vão de

alguma forma se encaixando. Eu  
digo que mesmo quando eu não

estou fazendo nada, nem pensando  
no trabalho, eu sei que eu estou

trabalhando, eu sei que  
internamente essas coisas vão de

alguma forma assentando ou se  
colocando de um jeito que uma

hora isso vem, né. Acho que é  
muito, é um processo muito

particular, mas eu sinto  
muito isso comigo.

[MUTARELLI] O meu trabalho é  
completamente, continua sendo

completamente solitário.  
Eu trabalho em casa há

muitos anos, há mais de  
vinte anos. Então em casa é

muito difícil, se você não tem  
uma disciplina, você não

trabalha, porque está tudo,  
tua cama está ali, o whisky

tá lá. O videogame, tudo  
está lá. Então se você, a

tentação para não trabalhar é  
muito grande. Quando eu desenho,

eu ainda, eu consigo ouvir  
música quando eu desenho, que eu

digo que a música é minha  
religião. Quando eu tô só

escrevendo, eu antes de  
começar a escrever eu ouço

um pouco de música para me  
religar, que é o sentido da

religião, me ligar comigo mesmo,  
e aí começo a trabalhar sem

música. Então se eu fizer um  
quadrinho hoje, vai ser uma

coisa completamente  
experimental. E os meus textos,

cada livro eu tento experimentar  
uma nova forma. Isso pra

mim, eu não quero descobrir  
uma fórmula, eu não quero

me acomodar, eu já me  
profissionalizei, e isso é muito

difícil, eu não quero perder o  
prazer no que eu faço e é muito

fácil as pessoas irem te  
moldando e quererem alguma coisa

que você fez dar certo e  
quererem outra dessa, e outra

e outra. E eu não quero isso.  
Eu quero errar, eu quero fazer

livros ruins, eu quero  
experimentar... é isso que eu

quero. Eu quero voltar ao  
começo, de alguma forma, né.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] As pessoas costumam  
elogiar os meus diálogos,

e nos quadrinhos a coisa mais  
forte é o balão, que é o

diálogo, né. E no balão você  
tem que sintetizar informações

e uma conversa e... no mínimo,  
no menor espaço possível.

Então eu acho que essa minha  
passagem e essa minha origem

dos quadrinhos, sem dúvida  
ajudou muito a tornar a minha

literatura mais dinâmica. O  
grande segredo do diálogo é

isso, é você falar em voz alta.  
Eu comecei a gravar,

usar gravador e falar,  
porque é só falando que você

sente, assim. Uma coisa que  
eu fazia, na minha solidão do

trabalho, às vezes era trazer  
um amigo, alguém que eu conheço

muito, e tentar criar um  
diálogo com essa pessoa. Ela não

estando lá. E tentando entender  
como essa pessoa reagiria ou

como ela responderia. Era  
uma brincadeira, quase um

exercício, e que me ajudava  
muito a criar diálogos.

Às vezes, claro que eu uso  
coisas que eu ouvi um amigo

dizendo, eu me aproprio, é um  
direito. Às vezes eu falo,

às vezes eu não falo. Mas  
você ouve coisas que às vezes

você fala: "Não, isso eu vou  
usar", eu não preciso dizer

de onde eu tirei, mas também  
você cria muito falando em

voz alta, né. Existem padrões  
de diálogos também. As pessoas

usam muito frases feitas no  
dia a dia e nos diálogos,

e isso é uma coisa que eu  
comecei a perceber também e

comecei a incorporar isso em alguns personagens que deixam

de dialogar profundamente e passam a ter um diálogo meio

raso e também é um exercício que eu acho interessante. Os

meus personagens, sem exceção, são personagens que estão à

beira de uma mudança profunda na vida delas, geralmente

elas estão sofrendo de um distúrbio que está se

manifestando e a partir dali isso geralmente é irreversível e

a minha história enquadra momentos antes dessa mudança

até o momento qualquer, não até, nunca tenho solução.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] Eu cheguei no meu limite técnico. A técnica é uma

coisa que acaba te aprisionando, então eu começava

um desenho, eu sabia onde eu ia chegar, eu sabia que

eu não ia além daquilo, eu sabia onde eu ia chegar. Isso é muito

desestimulante, né? Atualmente eu tenho feito uma

coisa que eu chamo de "a vida com efeito", porque

eu vou desenhar sobre efeito de álcool, ou alguma coisa assim,

e que eu uso material muito ruim para me tirar um pouco dessa

técnica. Então eu uso pincel quase sem pelo, tinta

velha e tal. E aí eu esboço, eu não faço esboço,

eu desenho direto alguma coisa,  
escrevo alguma frase, e isso tem

sido muito prazeroso pra  
mim, é quase um laboratório

de ideias. É algo que talvez eu  
publique alguma coisa desse

material, eu tenho muito desse  
material. Mas não é quadrinho,

não é literatura, não é nada,  
mas são experimentações.

Isso ainda me dá muito prazer de  
fazer. Quando você chega em uma

editora grande e tudo, a  
tendência é você se acomodar e

se formatar, e eu não quero  
isso, eu quero ter o prazer

da experimentação.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] No quadrinho você  
tem que ter uma pequena noção de

muitas coisas e de muitas coisas  
ligadas, se não ao cinema,

muito ao teatro. Você tem que  
ter uma noção de figurino, uma

noção de cenário, uma noção  
de iluminação, uma noção até

de interpretação para você  
desenhar esses personagens.

Então o quadrinho é algo muito  
complexo e muito trabalhoso

para você construir. Eu acho que  
tem, é uma arte sequencial,

então é quase um storyboard  
ou coisa e tal, você está

destrinchando essa história,  
apresentando ela num tempo

e num espaço. Quadrinhos sofrem  
um preconceito muito grande.



É um público muito distinto  
o público de quadrinhos

do público de literatura. Mesmo  
os meus leitores que leem os

meus quadrinhos não leem os meus  
livros, e quem lê meus livros

não lê meus quadrinhos.  
Quadrinho é algo que

culturalmente não é muito  
compreendido aqui, eu acho.

Quando eu comecei, eu tentei  
jornal, tira e coisa assim e

não consegui. Eu sinto que eu  
fazia quadrinhos pro meu pai.

Era um diálogo, era uma forma  
de eu me aproximar dele.

Depois que ele morreu, perdeu  
muito sentido passar 12, 18

horas fazendo alguma coisa que  
me dava tanto trabalho e tão

pouco retorno. E talvez em  
algum momento eu volte a fazer

quadrinhos do jeito que eu tenho  
vontade de experimentar agora.

♪ [vinheta] ♪

♪ [vinheta] ♪

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] Atualmente eu tenho  
gostado muito mais de escrever.

Tenho tentado me afastar do  
desenho justamente pelo poder da

palavra. Mas a palavra,  
nesse momento, é o que tem

me encantado mais. Quando  
eu leio um texto, o

que vem na minha cabeça é algo  
muito mais próximo da realidade

do que de qualquer outra forma.  
Mesmo se eu vejo um filme ou se

eu vejo uma peça, mas se eu leio  
um texto e entro nesse texto, o

que evoca na minha cabeça é algo  
muito próximo da realidade.

Então eu acho que a palavra é de  
alguma forma... embora ela tenha

significados múltiplos para cada  
um, eu acho que ela é quase um

pequeno reservatório do que ela  
tenta conter, do que ela tenta

capturar ali. Mas eu acho que a  
palavra é o que está entre a

imagem e o pensamento.  
É difícil, né, falar da palavra.

Que, como escritor, a gente  
escreve essa palavra, né,

mas a pessoa que está lendo,  
eu acho que o poder da

palavra está naquele ponto, onde  
ela deixa de ser algo impresso e

vira essa, e está virando essa  
imagem no imaginário de cada um.

Isso me fascina muito, o fato da  
palavra e da língua serem vivas,

né, de estar sempre se  
transformando, de estar sempre,

cada vez mais, hoje em dia  
eu acho que é mais aberto

ainda. As palavras, surgem  
palavras, ou palavras são

mudadas ou adaptadas e elas  
acabam sendo incorporadas. E eu

acho isso importante. Isso vai,  
talvez daqui a cem anos seja

difícil entender o que a gente  
está falando aqui. Isso é bom

também, acho que a necessidade

da gente aprimorar e

aperfeiçoar a comunicação,  
acho que é muito fruto

disso, assim. Eu sempre digo que  
eu tinha muito respeito pela

literatura. Literatura para mim  
era uma coisa sagrada, então eu

não tinha coragem de escrever.  
Mas esse texto, que é o

"O Cheiro do Ralo", a meu  
ver só podia ser, só podia

funcionar, eu só podia  
apresentar se fosse em texto.

Aí as pessoas perguntam:  
"Então por que você vendeu para

virar filme?", eu vendi porque  
eu sou uma boa prostituta, eu

precisava de dinheiro, e o  
que eu fiz foi o livro, o

filme é uma outra coisa, que  
eu gosto muito, inclusive.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] A partir do momento  
desse livro, eu comecei a ter

outras experiências, assim. Eu  
andava muito cansado dos

quadrinhos, do meio dos  
quadrinhos, do que é fazer

quadrinho, do trabalho que é e  
do pouco retorno que tem, então

aí eu acabei seguindo mais por  
aí. Quando eu tive a ideia do

"Cheiro do Ralo", eu escrevi em  
cinco dias. E eu levei mais dez

dias depois enxugando e editando  
algumas coisas, mas o livro saiu

em cinco dias. Claro que foram  
cinco dias quase que direto, eu

parava para fazer um miojo.  
Eu levo em média de quinze dias

a um mês para escrever um livro,  
no máximo. Eu não falo isso, eu

sei que está gravando, eu falo  
para os meus editores que eu

levo seis, sete meses, mas é  
para ir enrolando e conseguir

algum trocado até eu  
sentar e fazer de verdade.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] "Nada me Faltará",  
que é uma, eu tentei fazer

um livro minimalista. Não queria  
nenhuma poesia, não queria

nada, nada mais rebuscado, eu  
queria tentar o mais simples

e o mínimo possível. Então  
por isso é em conversas, em

diálogos, em frases  
muito cotidianas, né,

no que a gente diz  
normalmente, assim.

[MUTARELLI] Eu fiz um livro  
ruim, e eu vou fazer um

livro ruim, porque eu falei  
para os meus editores:

"É importante você ter um livro  
ruim", é ignorante você querer

um livro melhor que o outro.  
Um livro ruim é importante

para vir um livro bom lá  
pra frente. E é importante

ter um livro ruim. Eu gosto  
muito de música, e tem

alguns autores que eu gosto  
que às vezes fazem uns três

cds que são um lixo, mas depois  
vem um que é incrível. Então eu

acho que o processo de  
chegar às vezes em uma coisa

incrível é você fazer umas  
três ou quatro coisas

ruins. Eu acho que cada  
pessoa tem que encontrar o

livro que foi escrito para  
ela, de alguma forma.

Eu comecei a gostar de ler  
quando eu encontrei o Kafka,

então eu acho que cada  
pessoa tem que experimentar

até encontrar alguém que te  
toque, alguém que escreveu

pra você, que escreveu o teu  
livro. O livro que é teu, não

é dos outros, né. E a partir  
daí eu comecei a procurar

outros autores que me tocassem  
dessa forma, e o que é

incrível é que a gente  
sempre encontra algum autor

que a gente não  
conhece e que nos

toca, e que dá esse  
prazer de ler.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] O que eu acho  
curioso é que nada que eu

fiz em quadrinhos foi adaptado  
para o cinema, mas os

livros eu já tenho três livros,  
dois já adaptados e um

vendido. Só a palavra parece  
que acaba atraindo mais.

Tudo que eu faço está no  
meu campo de visão, tanto

escrever quanto desenhar está

aqui, eu tô vendo. E atuar

é uma coisa que eu não via  
o que eu estava fazendo.

Isso era muito estimulante,  
e foi uma brincadeira.

[MULHER] É realmente  
interessante

isso. Você devia  
escrever sobre isso.

[MUTARELLI] Que isso.  
Eu não sou escritor, eu

sou só um caça-talentos,  
como se diz por aí.

[MUTARELLI] Eu percebi que eu  
entrei nessa coisa de ator

como um policial infiltrado,  
um autor infiltrado, para

entender um pouco  
do outro lado.

[MUTARELLI] Vaidade!  
Pura vaidade!

Orgulho e vaidade o  
caminho do inferno!

[MUTARELLI] Eu me expresso no  
meu texto, eu me expresso no meu

desenho, essa coisa de atuar  
é uma outra coisa, pra mim

é uma brincadeira, é uma  
experimentação, é uma vivência

que me traz material,  
matéria-prima para o que

eu faço de verdade, que  
é escrever e desenhar.

[MUTARELLI] Entrei, pá, pá.  
Dei dois tecos.

[POLICIAL] Em quem?

[MUTARELLI] Não, para o alto.

[MUTARELLI] Tem algo no meu

trabalho que tem muito a ver com  
essa entidade, com o mal em  
essência. Não o mal humano,  
mas o mal como entidade. É algo  
que me fascina, é algo que  
eu estudei durante um tempo,  
e algo muito presente no meu  
trabalho. Não o mal humano, mas  
esse mal, essência. Eu acho que  
isso é muito presente na  
literatura em geral e é algo  
que talvez eu questione e  
enquanto eu não esgotar esse meu  
questionamento, eu acho que  
ele vai estar presente na  
minha obra. Tem muito de mim  
em tudo que eu faço. O meu  
humor é o humor negro, né. E o  
humor negro é uma forma também  
agressiva. Então eu acho que  
é uma resposta agressiva a  
tudo isso. Essa coisa da minha  
infância é que eu parto muito  
das minhas primeiras impressões.  
Eu tenho, agora eu estou  
cada vez perdendo mais a minha  
memória, mas eu sempre tento  
lembrar, tenho muito forte  
algumas primeiras impressões,  
né. Eu lembro quando eu ouvi a  
primeira vez uma palavra, ou  
quando eu associei ou pensei ter  
entendido pela primeira vez  
uma palavra, ou um sentimento,  
ou uma... essas coisas são muito  
fortes e eu recorro muito a  
isso para escrever. Então eu  
acho que eu parto muito dessas  
primeiras impressões, que na

minha infância eram todas muito  
sombrias. E acho que isso

acaba refletindo muito  
no meu trabalho.

♪ [música] ♪

[MUTARELLI] Eu sou um pouco  
estranho, eu não vou negar, mas

eu estou muito melhor hoje,  
assim. Eu costumo dizer que

quando eu comecei, eu era muito  
mais estranho. Mas o mundo era

mais saudável. Acho que conforme  
o mundo foi adoecendo, o meu

trabalho ficou, ganhou mais  
identidade, né? Quando

eu comecei a tomar medicação,  
pouca gente tomava.

Hoje em dia só eu não  
tomo, todo mundo toma.

[MUTARELLI] E o que eu queria  
botar na minha lápide uma época

era aquele slogan da Rusty, que  
era: "A química a serviço do

povo". Mas eu mudei para  
uma coisa mais ameaçadora,

que é: "Eu vou mas eu volto".  
No fundo eu

sou um cara gente boa ainda.

[MUTARELLI] "Chego. Ela já me  
espera. Diz estar ansiosa e

feliz. Espera não me desapontar,  
não como recepcionista. Abro a

porta e explico os detalhes.  
Coisa muito suja ou quebrada,

faça uma pré-seleção. O resto,  
deixa que eu cuido. Nunca entre

sem antes bater. Ela nem  
desconfia que esse cargo é



provisório. Coisa para menos de  
um mês. Então mando ela embora,

e talvez ela vá. E talvez ela vá  
e carregue consigo um filho.

E um dia esse filho tente me  
reconstruir, sem saber o meu

nome. Talvez ele me ame. Talvez  
ele nunca saiba que eu não amo

ninguém. Talvez sua herança seja  
o cheiro do ralo, hoje é ela

quem framboesa me dá. Ela diz  
que me ama como quem diz

obrigado. Então, já em minha  
sala, trancado, caminho até o

banheiro e descubro o ralo.  
Ontem até esqueci, deitado de

braços inalo, trago, para ele,  
o ralo sou eu. Observo atento

o buraco, nesta pose relembro

o Narciso que Caravaggio pintou.  
Só que não há o reflexo, só

há o escuro que sou. E isso é  
tudo que me resta para amar".

♪ [música] ♪